

(DES)EQUILÍBRIO E (DES)ORDEM: A AMIZADE E A DISCÓRDIA EM *THE FAERIE QUEENE*, DE EDMUND SPENSER

Sara Gabriela Simião*
sara.simiao@hotmail.com
Universidade Estadual de Maringá

Terezinha Oliveira**
toliveira@uem.br
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Este artigo analisa o significado de duas alegorias do Livro IV de *The Faerie Queene* (1590 e 1596/1609), de Edmund Spenser (1552?–1599). Trata-se das personagens Ate e Triamond. Aquela é descrita como uma deusa da discórdia; marcada pela monstrosidade e dualismo, até mesmo as partes do seu corpo não concordam entre si. Dessa forma, trata-se de uma alegoria do desequilíbrio e da desordem. Ao ser invocada por Duessa, passa a semear o desentendimento, especialmente entre Paridell e Blandamour, pois estes estão unidos por uma amizade baseada em interesses e prazeres. Por outro lado, Triamond, graças a um acordo de

* É graduada em Letras, português-italiano/inglês, junto à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP-FCL). Realizou a pesquisa de iniciação científica intitulada "Giorgio Manganelli e a concepção de livros paralelos", com bolsa PIBIC-Reitoria/UNESP. É mestra em Letras pela mesma instituição, onde defendeu a dissertação "O maravilhoso mundo das novelas de cavalaria: uma leitura de Orlando furioso", com bolsa CAPES. É doutora em Letras, também pela mesma instituição, onde defendeu a tese "Cor(ação) do cavaleiro: em busca de Angelica e Dulcineia pelos diferentes cronotopos de Orlando furioso e Dom Quixote de La Mancha", inicialmente com bolsa CAPES e, posteriormente, com bolsa FAPESP. Atualmente, integra o Grupo de Pesquisa Transformações Sociais e Educação nas épocas Antiga e Medieval (GTSEAM) e, junto à Universidade Estadual de Maringá (UEM), desenvolve sua pesquisa de Pós-Doutorado, intitulada "Da Cortesia à Harmonia, da Amizade à Humanidade: o equilíbrio social por meio das virtudes em *The Faerie Queene*, de Edmund Spenser". Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Italiana; Literatura Renascentista; Romances de Cavalaria; Literatura Comparada; Paródia; Intertextualidade; Fantástico; Maravilhoso; Língua Italiana; Literatura Elisabetana; Virtudes.

** Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1986), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (1991) e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997). Realizou, em 2004, estágio de Pós-Doutorado em História e Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP. É Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá junto ao Departamento de Fundamentos da Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação. É Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar Clássicos da Educação - UEM. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, especialmente em História da Educação e Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, transformação social, história da educação na Idade Média, escolástica, filosofia da educação na Idade Média, Intelectuais e Instituições Educacionais na Idade Média e formação de professores. É filiada a ANPUH, ANPED, SBHE, SBHR e a ABREM e a Rede Latina Americana de Filosofia Medieval. Líder do Grupo de Pesquisa Transformações Sociais e Educação nas épocas Antiga e Medieval (GTSEAM) e do Grupo de Pesquisa Núcleo Interdisciplinar Clássicos na Educação. Participa do Grupo de Estudos Medievais Portugueses (GEMPO), do Grupo de Pesquisa Mnemosyne. Laboratório de História Antiga e Medieval, do Instituto Jean Lauand. É investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura junto a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudios Clásicos y Medievales - Gonzalo Soto Posada (CESCLAM). É executora do Convênio Internacional entre a Universidade Estadual de Maringá e a Universidade Católica Argentina e do Convênio Internacional entre a Universidade Estadual de Maringá e a Universidade de Évora - PT.

sua mãe, Agape, reúne em si as almas de seus irmãos, Priamond e Diamond, após a morte destes. Com isso, Spenser retoma conceitos filosóficos que defendem a amizade como uma comunhão de almas, o amigo como outro eu. Assim, há uma alegoria do equilíbrio e da ordem, pois diferentes almas convivem em harmonia no mesmo corpo. Triamond, além disso, torna-se amigo de Cambell; sendo ambos virtuosos, constroem um vínculo sincero. Com isso, Spenser desenha dois quartetos, um formado por Duessa, Ate, Paridell e Blandamour, aliados ocasionais, e Triamond, Cambell, Canacee e Cambina, amigos verdadeiros e virtuosos. Este artigo aborda, a partir dessas alegorias, dois conceitos fundamentais para a obra: o medo do caos e a busca pela virtude, no caso a amizade, para o enfrentamento deste. Para fundamentar a análise, dois autores são fundamentais: Aristóteles (c.384 a.C.–322 a.C.) e Marco Túlio Cícero (106 a.C.–43 a.C.).

Palavras-chave: discórdia; caos; amizade; virtude.

1 Introdução

Diante dos poucos estudos no Brasil sobre Edmund Spenser (1552?–1599) e sua principal obra, *The Faerie Queene* (1590 e 1596/1609), cabe, antes de iniciar as discussões do artigo, apresentá-los. Spenser é um dos principais poetas ingleses; nascido em Londres, em condições humildes, é aluno de Richard Mulcaster (c. 1530–1611) na Merchant Taylors' School (1561?), onde estuda línguas e textos clássicos. Em 1569, ingressa na Universidade de Cambridge, junto ao Pembroke Hall, onde se dedica à retórica, lógica e filosofia. Torna-se amigo de Gabriel Harvey (c. 1550–c. 1631), estudioso de literatura e línguas antigas e modernas. Spenser, além de escritor, também é envolvido na política, sendo, entre outros, secretário de John Young (c. 1532 – 1605), servidor de Robert Dudley (1532–1588), e magistrado do condado de Cork. Com isso, aproxima-se de figuras importantes, como o escritor Philip Sidney (1554–1586) e Walter Raleigh (c.1552–1618). Graças a este, consegue apresentar *The Faerie Queene* a Elizabeth I, como forma de homenageá-la.

Os livros de *The Faerie Queene* são publicados em etapas: os três primeiros em 1590 e os três últimos, com a revisão dos primeiros, em 1596. Por fim, em 1609, após a morte do poeta, é feita uma nova edição de *The Faerie Queene*, contendo os *Two cantos of Mutabilitie*, que seriam parte do Livro VII dessa obra. Esse poema é marcado pela *pietas* romana — conjunto de deveres cívico-morais e religiosos — e misericórdia cristã. Portanto, sua moralidade é construída se baseando na filosofia greco-romana, destacando-se os pensamentos de Aristóteles, (c.384 a.C.–322 a.C.), Platão (c.428 a.C.–c.347 a.C.) e Marco Túlio Cícero (106 a.C.–43 a.C.) e também no Protestantismo inglês. A princípio, a obra seria composta por doze livros, cada um contemplando uma

virtude, porém apenas seis foram concluídos: I (Santidade); II (Temperança); III (Castidade); IV (Amizade); V (Justiça); e VI (Cortesia). As três primeiras são virtudes privadas e as últimas sociais. Em sua carta endereçada a Walter Raleigh, presente na edição do livro de 1590, Spenser demonstra que a intenção de *The Faerie Queene* é formar uma pessoa nobre na virtude e na cortesia: “o propósito geral, portanto, de todo o livro é formar um cavalheiro ou uma pessoa nobre na disciplina da virtude e da cortesia” (Spenser, 1995, tradução nossa)¹.

Para Thomas M. Greene (1992), Spenser demonstra em sua obra uma forte ligação com o espírito renascentista, pois busca o apuro estético, fazendo experimentos formais e métricos, reelaborando a língua inglesa. Com *The Faerie Queene*, arquiteta um projeto ambicioso de escrever um épico nacional, revisitando e reelaborando temas clássicos, estabelecendo conexões formais e temáticas com poetas italianos, como Ludovico Ariosto (1474-1533) e Torquato Tasso (1544-1595), sem romper com ideias da Idade Média. Como Ariosto, apresenta uma trama labiríntica repleta de personagens, cavaleiros que se aventuram em um mundo maravilhoso, suscetíveis ao erro e à loucura humana. Além disso, visa a formação de um cavalheiro virtuoso e habilidoso, dialogando com *Il libro del Cortegiano* (1528), de Baldassarre Castiglione (1478–1529).

Jon A. Quitslund (1992) sustenta que, como boa parte dos renascentistas, Spenser dialoga com o platonismo. Deste, trabalhou temas como o erro e o mal relacionados à desobediência e subversão às ordens superiores; o mundo humano que espelha a (des)ordem do cosmos; e virtude e prazer relacionados ao equilíbrio entre a alma individual e os processos cósmicos. Mais do que isso, sua obra vai ao encontro dos ensinamentos de platonistas cristãos ao mostrar que o poeta, ser dotado de um conhecimento privilegiado, por meio de sua obra, pode conduzir os leitores ao caminho da verdade. Em *The Faerie Queene*, o mundo é repleto de ilusões, mas pode encontrar a luz celestial; a alma, por sua vez, pode ascender por meio do amor virtuoso. Ao longo de seu poema, ele combina temas platônicos e aristotélicos ao traçar as representações da virtude e do vício e os aspectos racionais e irracionais da mente humana.

Este artigo se centra no Livro IV, que trata da amizade. Diferente dos demais livros, não há um protagonista que está a serviço de Gloriana, a Rainha das Fadas.

¹ “the generall end therefore of all the booke is to fashion a gentleman or noble person in vertuous and gentle discipline” (Spenser, 1995).

Contudo, costuma-se destacar como personagens principais Cambell e Triamond. Este é filho da fada Agape e possui dois irmãos, Priamond e Diamond. Tendo em vista o comportamento bélico dos trigêmeos, ela busca um acordo com as Parcas, para prolongar a vida deles. Assim, durante uma batalha, Priamond e Diamond morrem e seus espíritos passam ao corpo de Triamond, tornando-o mais forte. Com isso, essas personagens transmitem a ideia da amizade, fundamental para a manutenção do equilíbrio e da ordem.

Em oposição à amizade, portanto, representante do desequilíbrio, desordem e caos, está a personagem Ate, de estirpe infernal, boca venenosa, destruidora da Concórdia. Carregada de dualismo, mesmo os seus membros não entram em acordo, pois as duas partes de sua língua brigam entre si, as orelhas ouvem de formas diferentes e os pés seguem direções opostas. Não obstante, ela aparece na companhia de Duessa, principal antagonista do Livro I, descrita como falsa.

2 Desenvolvimento

Apresentadas essas personagens, este artigo pretende analisar a simbologia que carregam, como essas alegorias são construídas e de que forma fazem parte do intuito maior de Spenser, no caso, educar o seu leitor para o bem, visando a construção de uma sociedade mais ordenada e harmoniosa.

2.1 Ate: deformidade, dualidade e desordem

No primeiro canto do Livro IV, enquanto Britomart e Amoretta, damas que representam o amor casto e leal, cavalgam, encontram um quarteto emblemático, formado por dois cavaleiros inconstantes, Paridell, que pouco antes havia seduzido e abandonado Hellenore, e Blandamour, cujo nome significa “amor brando”, ou seja, de pouca intensidade, que cede facilmente, e duas “damas” falsas, Duessa e Ate. A primeira é uma das antagonistas do Livro I; inimiga direta de Una, personagem que representa a fé protestante, Duessa, passando-se por Fidessa, engana o Red Cross Knight, protagonista que simboliza a santidade.

Aparentemente, Paridell e Blandamour são amigos, mas essa relação não é baseada em virtudes, logo é suscetível aos ataques da discórdia. E para deixar claro a fragilidade dessa amizade, a discórdia, literalmente, está ao lado deles. Trata-se de

Ate que, segundo Pierre Grimal (2005), é a personificação do Erro. Leve, influencia os mortais sem que eles notem. Após ser expulsa do céu por Zeus, resta-lhe permanecer entre os humanos. Na obra do poeta inglês, por sua vez, é descrita como mãe das disputas e contrastes: “Seu nome era Ate, mãe do debate,/ E de toda discórdia, que cresce diariamente/ *Entre os frágeis homens, e que muitos estados públicos/ E muitos privados derruba frequentemente*” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 19, tradução nossa, grifo nosso)².

Percebe-se nessa descrição que a discórdia é responsável pela destruição de estados e famílias, estando do lado oposto da amizade. Algo que tem ecos em Cícero, que aproxima a generosidade, a estabilidade e os afetos a relações sólidas de amizade:

Porém, se eliminarmos da natureza o vínculo da generosidade, nenhuma família, nenhuma cidade poderá subsistir e a própria agricultura não poderá sobreviver. Se isso não estiver suficientemente claro, podemos descobrir o poder da amizade e da concórdia, pensando nas dissensões e na discórdia. Com efeito, existirá uma família tão estável, uma cidade tão solidamente constituída que os ódios e as lutas intestinas não possam destruir? Pode-se ver por aí o bem que a amizade faz (Cícero, 2006, p. 39, grifo nosso).

Ate vive perto das portas do Inferno, em uma caverna escura, que pode ser facilmente encontrada, pois muitos caminhos levam até ela. Porém, não é possível sair dali: “Pois é mais difícil terminar com a discórdia que iniciá-la” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 20)³. Assim, percebe-se uma aproximação entre Ate e a perdição bíblica, bem como entre a virtude, o bem e a amizade e a vida eterna: “Entrem pela porta estreita, porque é larga a porta e espaçoso o caminho que levam para a perdição, e são muitos os que entram por ela! Como é estreita a porta e apertado o caminho que levam para a vida, e são poucos os que o encontram!” (Bíblia, Matheus 7:13-14).

Adornam as paredes desse lugar sinais de tempos passados:

Ali estava o sinal da antiga Babilônia,/ Da fatal Tebas, da Roma que longamente reinou,/ Da sagrada Salém e da triste Ílion;/ Em memória das quais, no alto, pendia/ A Maçã de ouro, causa de todo o seu mal,/ Pela qual as três belas Deusas contenderam;/ Ali estava também o nome de Ninrode, o forte,/ De Alexandre e de seus cinco príncipes,/ Que repartiram entre si os

² “Her name was Ate, mother of debate,/ And all dissension, which doth dayly grow/ *Amongst fraile men, that many a publike state/ And many a priuate oft doth ouerthrow*” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 19, grifo nosso).

³ “For discord harder is to end then to begin” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 20).

despojos que ele conquistara em vida (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 22, tradução nossa)⁴.

Ao relembrar exemplos de grandes obras que foram destruídas pela discórdia, o poema destaca o poder desta a nível de governos e cidades. Adiante, também discute sobre amigos, irmãos e amantes que se tornaram inimigos. E isso ocorre ao deixar que algo muito pequeno brote, no caso, a semente da discórdia, abundante no árido terreno que circunda a morada de Ate:

Assim era sua casa por dentro; mas em todo o exterior,/ O solo estéril estava cheio de ervas daninhas perversas,/ Que ela mesma semeara por todo o arredor,/ Agora crescidas ao extremo, foram no início sementes pequenas,/ Sementes de palavras malignas e de ações facciosas;/ As quais, quando chegam à devida maturação,/ Produzem um crescimento infinito, que gera/ Tumultuosa desordem e contenciosa discórdia,/ As quais, na maioria das vezes, acabam em derramamento de sangue e em guerra (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 25, tradução nossa)⁵.

Sendo a discórdia o desacordo, o ruído e o desentendimento, também Ate apresenta essas características em seu físico: olhos que observam direções opostas; língua bifurcada, com partes que brigam entre si; coração cortado, que divide o que pensa; orelhas que ouvem de modo desigual; pés que caminham em direções opostas; e, finalmente, as mãos, uma que agarra, outra que joga fora, uma que cria, outra que destrói.

Seu rosto era o mais feio e imundo de se ver,/ *Com olhos vesgos que olham para lados opostos*,/ E boca repugnante, imprópria de ser boca,/ Que nada continha senão bile e veneno,/ E palavras perversas que ofendiam a Deus e aos homens:/ *Sua língua mentirosa era em duas partes dividida*,/ E ambas as partes falavam e ambas contendiam;/ E, como sua língua, assim era seu coração cindido,/ Que nunca pensava uma só coisa, mas duplamente era guiado.

⁴ “There was the signe of antique Babylon,/ Of fatall Thebes, of Rome that raigned long,/ Of sacred Salem, and sad Ilion,/ For memorie of which on high there hong/ The golden Apple, cause of all their wrong,/ For which the three faire Goddesses did striue:/ There also was the name of *Nimrod* strong,/ Of *Alexander*, and his Princes fiue,/ Which shar’d to them the spoiles that he had got aliue” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 22, grifo do autor).

⁵ “Such was her house within; but all without,/ The barren ground was full of wicked weedes,/ Which she her selfe had sowen all about,/ Now growen great, at first of little seedes,/ The seedes of euill wordes, and factious deedes;/ Which when to ripenesse due they growen arre,/ Bring foorth an infinite increase, that breedes/ Tumultuous trouble and contentious iarre,/ The which most often end in bloudshed and in warre” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 25).

E, assim como falava em duplicidade, assim ouvia em duplicidade,/ Com orelhas ímpares, deformadas e distorcidas,/ Cheias de falsos rumores e de sedicioso tumulto,/ Gerados nas assembleias do vulgo,/ O qual sempre se deixa levar por qualquer relato leviano./ E como suas orelhas, assim também seus pés eram díspares,/ E muito distintos entre si, um longo, o outro curto,/ E ambos mal colocados; de modo que, quando um avançava,/ O outro recuava e caminhava em sentido contrário.

Desiguais também eram suas duas mãos,/ Uma alcançava e agarrava, a outra empurrava para longe,/ Uma fazia, a outra desfazia novamente,/ E buscava levar todas as coisas à ruína;/ Assim, grandes riquezas, reunidas ao longo de muitos dias,/ Ela em pouco tempo frequentemente reduzia a nada,/ E aqueles que eram os possuidores, muitas vezes consternava./ Pois todo o seu empenho e todo o seu pensamento era sobre/ Como ela poderia subverter as coisas edificadas pela Concórdia (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 27-29, tradução nossa, grifo nosso)⁶.

Com isso, Ate, a discórdia, carrega em sua construção duas características principais, no caso, monstruosidade e dualismo. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant afirmam que: “na tradição bíblica, o monstro simboliza as forças irracionais: ele possui as características do disforme, do caótico, do tenebroso, do abissal. O monstro aparece, portanto, como desordenado, destituído de proporções, ele evoca o período anterior à criação da ordem” (2015, p. 651). John E. Hankins (1992), por sua vez, recorda que, no poema, a forma e a falta desta representam a luta entre as virtudes e os vícios da alma, sendo essa ideia vinda provavelmente de Francesco Piccolomini (1523-1607), que associa o vício a uma deformidade do caos. Assim posto, a discórdia representa a desordem, que se opõem diretamente à amizade, como se verá adiante.

⁶ “Her face most fowle and filthy was to see,/ *With squinted eyes contrarie wayes intended*,/ And loathly mouth, vnmeete a mouth to bee,/ That nought but gall and venom comprehended,/ And wicked wordes that God and man offended:/ *Her lying tongue was in two parts diuided*,/ And both the parts did speake, and both contended;/ And as her tongue, so was her hart discided,/ That neuer thoght one thing, but doubly stil was guided.

Als as she double spake, so heard she double,/ With matchlesse eares deformed and distort,/ Fild with false rumors and seditious trouble,/ Bred in assemblies of the vulgar sort,/ That still are led with euery light report./ And as her eares so eke her feet were odde,/ And much vnlike, th’one long, the other short,/ And both misplast; that when th’one forward yode,/ The other backe retired, and contrarie trode.

Likewise vnequall were her handes twaine,/ That one did reach, the other pusht away,/ That one did make, the other mard againe,/ And sought to bring all things vnto decay;/ Whereby great riches gathered manie a day,/ She in short space did often bring to nought,/ And their possessours often did dismay./ For all her studie was and all her thought,/ How she might ouerthrow the things that Concord wrought” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto I, v. 27-29, grifo nosso).

Spenser, ao longo de sua obra, trabalha com alguns números simbólicos, especialmente o número três, que será abordado em breve. Aqui interessa o dois, presente nas divisões em desacordo de Ate e também no nome Duessa. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), trata-se de um símbolo de oposição, conflito, ameaças, antagonismos e rivalidades. Com isso, reforça-se o perigo que Ate representa e o seu papel como antagonista da amizade. Assim posto, não é de se estranhar que ela tenha sido invocada por Duessa, que representa a falsidade, e ambas tenham se instalado entre dois cavaleiros que estão juntos por conveniência e que se mostram inconstantes no amor. Isso não quer dizer que não sejam amigos, mas sim, que compartilham um tipo de amizade considerada inferior, baseada em interesses, em utilidade e prazer:

Portanto, as que se amam entre si por causa do útil não se amam em função delas mesmas, e sim na medida em que têm algo bom que vem de uma e outra. E igualmente também no caso das que o fazem por causa do prazer: pois não estimam os que são desenvolvidos por serem desse tipo, e sim porque são prazerosos para elas mesmas (Aristóteles, 2024, p. 395).

Amizade de um tipo que facilmente se desfaz, porque as necessidades e prazeres mudam constantemente. Algo que se pode observar em Paridell, que rapidamente abandona Hellenore. E também em Blandamour, cujo nome, como aponta Lesley Brill (1992a), mostra tanto a inconstância no amor, como a deslealdade na amizade, o que o leva a praticar ações destrutivas e usar palavras caluniosas. Ele carrega em si a falsidade, a leviandade e até mesmo a cegueira, que remete ao Cupido, relacionado à luxúria e aos prazeres alegres e volúveis.

As desse tipo são, então, facilmente desfeitas se as pessoas não permanecem as mesmas: porque, se não são mais prazerosas ou úteis, param de se amar. E aquilo que é útil não permanece igual: ora é uma coisa, ora é outra. Portanto, uma vez desfeito o motivo pelo qual eram amigas, desfaz-se também a amizade, voltada que estava para aquilo (Aristóteles, 2014, p. 397).

Um episódio emblemático, que destaca essa relação frágil, porque baseada na utilidade e no prazer, encontra-se no segundo canto, quando Blandamour conquista Florimell — trata-se de uma bela dama, que desperta o desejo de diversos homens, tanto que uma bruxa, para satisfazer o seu filho, faz uma cópia dessa mulher, feita de neve; e é esta que Blandamour ganha, acreditando ser a verdadeira. Paridell, ao invés de compartilhar a alegria do amigo, sente inveja: “Seu coração começou a inchar de

secreta inveja,/ E interiormente passou a ressentir-se dele, por ter sido tão bem-sucedido” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 7, tradução nossa)⁷.

Quem se aproveita da situação é Ate, que busca alimentar a inveja de Paridell, para criar uma disputa: “Mas Ate, logo percebendo seu desejo,/ E encontrando agora ocasião propícia/ Para atizar a discórdia no meio do amor, despeito e ira,/ Secretamente lançou carvões sobre seu fogo oculto” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 11, tradução nossa)⁸. Tanto o incita que um dia os supostos amigos se enfrentam: “Com isso, começaram a brandir suas lanças trêmulas,/ E a mirar as pontas mortais um contra o peito do outro,/ *Ambos completamente esquecidos de terem sido sempre amigos*” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 14, tradução nossa, grifo nosso)⁹. E a luta agrava-se: “Tão mortal era sua malícia e tão feroz,/ Nascida da amizade fingida que outrora haviam jurado” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 18, tradução nossa)¹⁰.

Esse caos gerado por uma mulher faz lembrar o mito do vaso de Pandora. Esta, como explica Grimal (2005), era bela, graciosa e tinha o talento da persuasão, contudo o seu coração era repleto de mentiras e astúcia. Zeus, para vingar o fogo divino que Prometeu tinha dado aos humanos, destinou-a à punição destes. Movida pela curiosidade, um dia ela destampou um vaso que continha todos os males. Pandora tenta cobri-lo novamente, mas estes já haviam escapado, restando no fundo apenas a esperança. Em outra versão do mito, o vaso guardava todos os bens, mas quando escapam, voltam para a morada dos deuses. De qualquer forma, em ambos os casos, aos humanos resta apenas a esperança em meio às decepções. Em um mundo desordenado, talvez a esperança do poeta inglês repousasse na educação virtuosa, nesse caso em específico, na amizade como caminho para a ordem.

Por outro lado, ainda sobre esse mito, Chevalier e Gheerbrant (2015) recordam que o preço do fogo divino é a punição vinda pelas mãos de uma mulher. Fogo ambivalente, que pode significar o amor, algo desejado pela humanidade, mesmo que também carregue sofrimento. Pandora, assim, pode simbolizar o fogo do desejo, que leva à ruína. Dessa forma, Ate pode ser vista como uma personagem equivalente,

⁷ “His hart with secret enuie gan to swell,/ And inly grudge at him, that he had sped so well” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 7).

⁸ “But Ate soone discovering his desire,/ And finding now fit opportunity/ To stirre vp strife, twixt loue and spight and ire,/ Did priuily put coles vnto his secret fire” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 11).

⁹ “With that they gan their shiuering speares to shake,/ And deadly points at eithers breast to bend,/ *Forgetfull each to haue bene euer others frend*” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 14, grifo nosso).

¹⁰ “So mortall was their malice and so sore,/ Become of fayned friendship which they vow’d afore” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 18).

pois desperta contendas entre homens inconstantes no amor. Aliás, vale lembrar que Paridell é inspirado em Páris. De acordo com Grimal (2005), a mãe deste, enquanto estava grávida, sonhou que daria à luz uma tocha que destruiria Troia. Posteriormente, Éris, a Discórdia, lançou uma maçã de ouro entre os deuses, dizendo que o fruto deveria ser entregue à mais bela entre Atena, Hera e Afrodite. Por ordem de Zeus, Hermes levou-as até Páris, que escolheu a última, ganhando em troca o amor de Helena de Troia, o que causou a ruína dessa cidade. Assim, amor volúvel e inconstância estão ligados à destruição e ao caos.

A inconstância, a inveja e o egoísmo são características contrárias a uma boa convivência e a uma união duradoura. Portanto, é fácil para Ate instaurar a discórdia entre esses cavaleiros. A amizade verdadeira só é possível entre bons, que são íntegros e possuem um caráter estável:

Aqueles que se comportam, que vivem de forma tal que evidencia boa-fé, integridade, equidade e liberalidade, nos quais não há cobiça, nem paixão, nem louca ousadia e demonstram grande firmeza de caráter [...]. Com efeito, eu creio ter muito claro que todos nós nascemos para viver em sociedade e que o vínculo social mais se estreita, quanto mais estamos próximos uns dos outros (Cícero, 2006, p. 33).

Retomando, a luta entre os cavaleiros é resolvida com a intervenção do Squire of Dames, que informa sobre um torneio que busca decidir quem deve ficar com Florimell. Paridell e Blandamour entendem-se, mas por pouco tempo, porque entre eles há uma falsidade que esconde o ódio e a vontade de enganar:

Assim, tão bem de acordo seguiram cavalgando juntos/ Em maneira amistosa, que, porém, durou pouco;/ E transformaram todas as antigas desavenças em tempo ameno,/ Mas tudo era forjado e recoberto de folha de ouro,/ Que por baixo escondia ódio e oca vontade de engano./ Não pode, por certo, amizade assim muito perdurar,/ Por mais agradáveis e nobres que pareçam seus modos,/ Se de má causa vem e a mau fim leva:/ *Pois a virtude é o laço que mais seguramente ata os corações* (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 29, tradução nossa, grifo nosso)¹¹.

¹¹ “So well accorded forth they rode together/ In friendly sort, that lasted but a while;/ And of all old dislikes they made faire weather,/ Yet all was forg’d and spred with golden foyle,/ That vnder it hidde hate and hollow guyle./ Ne certes can that friendship long endure,/ How euer gay and goodly be the style,/ That doth ill cause or euill end enure:/ *For vertue is the band, that bindeth harts most sure*” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 29, grifo nosso).

Assim, destaca-se a necessidade da virtude para que a amizade seja verdadeira e sólida, afinal, ela não permite que qualquer semente de rancor e de calúnia se instale, abalando a confiança e deixando a discórdia germinar.

E somente a amizade dos bons é isenta de calúnia, porque não é fácil confiar no que qualquer um diz a respeito de quem se avaliou por um longo tempo. E entre esses amigos há o fato de se confiar no outro e de jamais se lesar o justo, e todas aquelas demais coisas dignas de uma amizade de verdade. Já nas outras, nada impede que aquele tipo de coisa aconteça (Aristóteles, 2024, p. 401).

É importante destacar que, no poema, o quarteto desleal encontra o quarteto da amizade perfeita, ocorrendo, assim, um contraponto direto. Isso porque, de acordo com Carol V. Kaske (1992), a *Bíblia* era importante no Período Elisabetano, permeando o vocabulário, as personagens, a retórica e os aspectos teóricos da poética de Spenser. Dessa forma, sua obra se estrutura ao redor das repetições do mau e do bom, semelhante ao que ocorre na *Bíblia*, algo que foi explorado pelos comentaristas medievais. Constantemente, há alternância entre representações do mal e do bem, que servem para gerar uma sensação de autocorreção progressiva, em que vício e virtude se tocam e se afastam.

Com isso, se antes são apresentadas as mulheres “Pandoras”, que espalham discórdia, erro e litígio, em seguida, são apresentadas as virtuosas, que corrigem, harmonizam e criam vínculos profundos. Se antes são expostos os amigos invejosos, em seguida, são introduzidos os amigos que se protegem e se amam sinceramente. Sabendo que a virtude é necessária para construir uma amizade verdadeira, cabe voltar o olhar para a alegoria de Triamond.

2.2 Triamond: equilíbrio, comunhão e ordem

Se Ate reúne em si características desarmônicas, sendo a responsável por semear a discórdia entre os mais inconstantes, Triamond representa o perfeito equilíbrio entre os iguais. A fada Agape é mãe dos trigêmeos Priamond, Diamond e Triamond; o nome dela vem do grego e significa amor e também caridade. Por gostarem de aventuras, ela se preocupa a ponto de ir até as Parcas para descobrir quanto tempo teriam de vida. Diante da expectativa baixa, ela implora que algo seja feito, estabelecendo um acordo:

Concedei-me que, quando cortardes com a faca fatal/ O fio que é o do mais velho entre os três,/ E que entre eles é o mais curto, ao que vejo,/ Que imediatamente sua vida possa passar ao seguinte;/ E, quando a do seguinte igualmente for terminada,/ Que ambas as suas vidas sejam igualmente anexadas/ A do terceiro, para que a sua possa, assim, ser triplamente aumentada (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 52, tradução nossa)¹².

Agape pede que os filhos sempre se amem, porém não lhes conta sobre o acordo. Os três são conhecidos por serem cavaleiros habilidosos e corteses e o afeto mútuo os torna ainda mais fortes:

Estes três amavam-se com grande ternura,/ E com tão firme afeto estavam unidos,/ *Como se uma só alma em todos habitasse,/ A qual seu poder em três partes dividia;/* Como três belos ramos que, brotando longe e amplamente,/ De uma só raiz buscam a seiva vital:/ E, como essa raiz que reparte sua vida,/ Assim era a mãe deles, e teve a bem-aventurada sorte/ De, em uma só vez, dar à luz três filhos tão nobres (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 43, tradução nossa, grifo nosso)¹³.

O amor entre os irmãos é tão forte que é como de dividissem a mesma alma. Isso também lembra Cícero, que expõe a busca pelo outro como algo presente nos seres vivos, incluindo os humanos: “Com estes, aliás, tudo ocorre de maneira muito mais clara e natural, uma vez que amam a si mesmos e, ao mesmo tempo, procuram um semelhante para *juntar uma alma à outra, a tal ponto que se fundem tão intimamente que as duas se tornem uma só*” (2006, p. 97, grifo nosso).

Os trigêmeos interessam-se por Canacee, dama desejada por vários homens. O irmão dela, Cambell, decide organizar um torneio, durante o qual enfrentaria três dos diversos cavaleiros interessados nela. Visto que se trata de um oponente valoroso e que possui um artefato mágico, apenas os trigêmeos se oferecem ao combate. É durante esse torneio que a fusão literal das almas se concretiza.

O primeiro a lutar contra Cambell é Priamond; ao ser morto, a sua alma é transferida:

Seu espírito exausto, desprendido do laço carnal,/ Não fez como os outros costumam, voando diretamente/ Para seu repouso nas sombrias terras de

¹² “Graunt this, that when ye shred with fatall knife/ His line, which is the eldest of the three,/ Which is of them the shortest, as I see,/ Eftsoones his life may passe into the next;/ And when the next shall likewise ended bee,/ That both their liues may likewise be annex/ Vnto the third, that his may so be trebly wext” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 52).

¹³ “These three did loue each other dearely well,/ And with so firme affection were allyde,/ *As if but one soule in them all did dwell,/ Which did her powre into three parts diuylde;/* Like three faire branches budding farre and wide,/ That from one roote deriu’d their vitall sap:/ And like that roote that doth her life diuide,/ Their mother was, and had full blessed hap,/ These three so noble babes to bring forth at one clap” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto II, v. 43, grifo nosso).

Plutão,/ Nem no ar desapareceu de imediato,/ Nem foi transformado em estrela celeste:/ Mas, por transmigração, logo foi atraído,/ Como sua mãe rogara ao Destino,/ Pelos seus outros irmãos, que sobreviveram,/ Nos quais viveu de novo, desprovido de sua vida anterior (Spenser, 2012, Livro IV, Canto III, v. 13)¹⁴.

Diamond continua com o combate, mas também acaba sendo morto. A sua alma também é transferida. Assim, Triamond entra em combate tendo em si três almas:

Ela o deixou; mas aquela mesma alma, que nele habitava,/ Entrando imediatamente em Triamond, o encheu/ De redobrada vida e de dor; e esta, ele sentiu,/ Como alguém cujas entranhas houvessem sido traspassadas/ Por uma ponta de aço e sentisse verter o sangue do coração,/ Agilmente saltou de seu lugar de repouso/ E, precipitando-se para o campo vazio,/ Contra Cambell ferozmente se voltou;/ O qual, enfrentando-o, estava prontíssimo para a luta (Spenser, 2012, Livro IV, Canto III, v. 22, tradução nossa)¹⁵.

O número três, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), relaciona-se com a perfeição, totalidade, conclusão, união e harmonia. Remete, também, à perfeição da unidade divina, ou seja, a Santíssima Trindade. Além disso, três são as virtudes descritas por Paulo — “Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor” (Bíblia, 1 Coríntios 13:13). Sentimento este que remete também à mãe dos trigêmeos, que busca prolongar a vida deles. Assim, Triamond é uma alegoria da alma compartilhada pelos amigos. Alegoria que representa a amizade como algo perfeito e harmônico. Entretanto, o poema deseja mostrar a importância dessa relação como instrumento de pacificação. Com isso, entram outras personagens nessa representação.

Triamond é o último dos irmãos a lutar, porém, tem um destino diferente, pois a fada Cambina, irmã dos trigêmeos, por meio de sua magia, estabelece a paz entre Triamond e Cambell. Ela lhes obriga a tomar o Nepenthe, bebida que elimina angústias e disputas, o que faz com que se tornem amigos: “Assim que desse provaram um gole,/ Maravilhoso foi ver tão súbita mudança:/ Em vez de trocar golpes, alegremente trocaram beijos,/ E abraçaram-se afetuosamente, livres do temor da

¹⁴ “His wearie ghost assoyld from fleshly band,/ Did not as others wont, directly fly/ Vnto her rest in Plutoes griesly land,/ Ne into ayre did vanish presently,/ Ne chaunged was into a starre in sky:/ But through traduction was eftsoones deriued,/ Like as his mother prayd the Destinie,/ Into his other brethren, that suruiued,/ In whom he liu’d a new, of former life depriued” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto III, v. 13).

¹⁵ “It left; but that same soule, which therein dwelt,/ Streight entring into *Triamond*, him fild/ With double life, and grieffe, which when he felt,/ As one whose inner parts had bene ythrild/ With point of steele, that close his hartbloud spild,/ He lightly lept out of his place of rest,/ And rushing forth into the emptie field,/ Against *Cambello* fiercely him address;/ Who him affronting soone to fight was readie prest” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto III, v. 22, grifo do autor).

traição,/ E apertaram as mãos, prometendo serem sempre amigos” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto, III, v. 49, tradução nossa)¹⁶.

Canacee se torna amiga de Cambina, por ter sido capaz de restabelecer a paz. Ao final, a primeira se casa com Triamond, e a segunda com Cambell. Então, constitui-se um quarteto que vive em plena harmonia e sem ressentimentos, muito diferente do formado por Paridell, Blandamour, Duessa e Ate. É importante notar a simbologia desse número, pois, segundo Chevalier e Gheerbrant (2015), o quatro se relaciona com o sólido, com a plenitude e a universalidade. Biblicamente, quatro são os rios do Paraíso, quatro são as letras de Deus (YHVH) e quatro são os Evangelistas. Assim, o quarteto formado pelos verdadeiros amigos pode ser relacionado a algo divino, forte e perfeitamente acabado.

Contudo, quatro são os cavaleiros do Apocalipse e quatro são as pragas que espalham. Levando em consideração que a discórdia é capaz de operar a destruição de grandes estados e que caminha com a inveja, a inconstância e a falsidade, não é difícil relacionar o quarteto dos amigos por conveniência com essa segunda concepção. Isso ocorre porque, segundo Brill (1992b), Spenser define a virtude por meio do uso dos contrastes; dessa forma, o quarteto desleal é uma paródia do quarteto dos verdadeiros amigos. As alianças daqueles são postas como frágeis, confusas e instáveis, pois não são baseadas na virtude. Entre eles, a única ligação possível é a da falsidade, regida pelas aparências.

No poema, a transformação do litígio em amizade ocorre por meios mágicos, contudo, tanto Triamond como Cambell são apresentados como cavaleiros virtuosos, o que facilitaria a criação de um vínculo sincero entre ambos. Não se trata de inimigos, mas sim, de adversários, que lutam devido a condições criadas pelo acaso. Isso é explicado no proêmio do quarto canto:

Muitas vezes acontece, (como aqui antes ocorreu)/ Que inimigos mortais se transformem em amigos leais,/ E amigos professos se transformem em cruéis inimigos:/ A causa de ambos depende de ambas as mentes;/ E o fim de ambos também depende de ambos os propósitos./ Pois a inimizade que não nasce de verdadeiro mal,/ Mas apenas de um acaso, termina com a ocasião;/ E a amizade germinada a partir de um afeto leviano,/ Sem considerar o bem do outro, morre como sementes plantadas em solo árido.
Isso (me parece) ficou bem evidente, pelo que recentemente/ Ocorreu entre Cambell e Sir Triamond,/ Assim como também neste novo conflito/ Que nasce

¹⁶ “Of which so soone as they once tasted had,/ Wonder it is that sudden change to see:/ Instead of strokes, each other kissed glad,/ And louely haulst from feare of treason free,/ And plighted hands for euer friends to be” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto, III, v. 49).

agora entre Blandamour e Paridell [...] (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 1-2, tradução nossa)¹⁷.

Além disso, no poema, como observa Quitslund (1992), a natureza serve como uma paisagem moralizada, onde a alma pode ser educada por meio de provações, erros e graça divina. Lida-se com uma realidade decaída, portanto, imperfeita, mas pode-se alcançar o ideal por meio dos sentimentos virtuosos. C. A. Patrides (1992) também recorda que, dentro da tradição judaico-cristã, experimenta-se a realidade da Queda e do pecado original, que destacam a propensão humana ao pecado e à desobediência das ordens divinas, uma predisposição natural ao mal, visto sua origem corrupta. Assim, em seu poema, Spenser destaca a tendência da humanidade em praticar o mal, ainda que involuntariamente, sem desejar praticá-lo de fato. Quando as personagens erram, tornam-se testemunhas dessa imperfeição inata dos humanos. Contudo, por meio da virtude e da graça, a restauração é possível.

Essa restauração ocorre entre os cavaleiros, a princípio, por meios mágicos. Porém, é por meio da virtude que se nota a solidez dessa relação. A prova de que entre Triamond e Cambell existe uma amizade verdadeira é que, durante o torneio de Satyrane, do qual também participam Paridell e Blandamour, um amigo se coloca literalmente no lugar do outro. Triamond, muito ferido, não conseguiria dar prosseguimento ao combate. Então, sem que ninguém soubesse, Cambell veste as armas do amigo e luta em seu lugar:

Cambell, vendo-o assim, embora não pudesse remediar,/ Nem desfazer o ocorrido, *ainda assim, para proteger seu nome/ E conquistar honra em favor de seu amigo,* Arquitetou este nobre artifício./ O escudo e as armas, que todos sabiam ser os mesmos/ Que Triamond usara, sem que ninguém soubesse/ e sem o conhecimento do amigo, por receio de ser censurado,/ caso agisse mal, vestiu sobre si mesmo,/ de modo que ninguém pudesse reconhecê-lo, e assim saiu para lutar (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 27, tradução nossa, grifo nosso)¹⁸.

¹⁷ "It often fals, (as here it earst befell)/ That mortall foes doe turne to faithfull frends,/ And friends profest are chaungd to foemen fell:/ The cause of both, of both their minds depends;/ And th'end of both likewise of both their ends./ For enmitie, that of no ill proceeds,/ But of occasion, with th'occasion ends;/ And friendship, which a faint affection breeds/ Without regard of good, dyes like ill grounded seeds. That well (me seemes) appeares, by that of late/ Twixt Cambell and Sir Triamond befell,/ As els by this, that now a new debate/ Stird vp twixt Blandamour and Paridell [...]" (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 1-2).

¹⁸ "Which Cambell seeing, though he could not salve,/ Ne done vndoe, *yet for to salve his name,* And purchase honour in his friends behalve,/ This goodly counterfesaunce he did frame./ The shield and armes well knowne to be the same,/ Which Triamond had worne, vnwares to wight,/ And to his friend vnwist, for doubt of blame,/ If he misdid, he on himselfe did dight,/ That none could him discerne, and so went forth to fight" (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 27, grifo nosso).

Colocar-se no lugar do outro, sem esperar vantagens, mas sim, apenas para proteger a honra do amigo, faz recordar algo que Cícero postula:

Com efeito, quantas vezes fazemos por amigos o que não faríamos por nós mesmos! Diligências junto a pessoas indignas de nossa estima, pedidos, ou então, uma acusação muito forte contra tal outra, um ataque muito veemente: tais atitudes, que não são muito honestas quando se trata de nós mesmos, são honestíssimas quando se trata de nossos amigos e, muitas vezes, *acontece que os homens de bem se privam de boa parte de suas vantagens ou aceitam delas se privar para que seus amigos as desfrutem mais do que eles mesmos* (2006, p. 73-75, grifo nosso).

Por sua vez, quando Triamond descobre que Cambell precisa de ajuda no torneio, mesmo estando ferido, vai ajudá-lo, vestindo a armadura do amigo:

Quando essa notícia foi levada a Triamond,/ Lá onde jazia, esqueceu imediatamente seu ferimento/ E, erguendo-se, imediatamente procurou sua armadura:/ Em vão a procurou, pois lá não a encontrou;/ Cambell a havia levado embora antes./ Então vestiu sobre si as armas de Cambell/ E rapidamente saiu para enfrentar a sorte./ Encontrou lá, em tropa, toda aquela companhia bélica,/ Levando seu amigo embora, visão que lhe encheu de dor. Para o meio da mais cerrada multidão daqueles cavaleiros,/ Lançou-se e pressionou, derrubando todos os que estavam entre eles./ Impelido por fervoroso zelo, e ele não cessou/ Até chegar ao lugar onde avistara Cambell [...] (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 33-34, tradução nossa)¹⁹.

Com isso, um se revela benevolente em relação ao outro e um busca para o outro a devida justiça. Entre eles há verdadeira estima e respeito, o que torna a relação deles estável:

É entre homens assim que a amizade se torna estável e se consolida, como venho afirmando há tempo, com a condição que os que estão unidos por um bem-querer mútuo, primeiro, dominem as paixões que escravizam os demais, e, além disso, amem a equidade e a justiça, assumam suas mútuas obrigações, não peçam um ao outro senão favores conformes à moral e ao direito, e tenham, não só, estima e afeição um pelo outro, mas, também respeito [...] (Cícero, 2006, p. 97-99).

Isso prova que entre eles há a reciprocidade, fundamental para a amizade: “Cada um ama, portanto, o que é bom para si e retribui por igual em querer e prazer; pois se

¹⁹ “Whereof when newes to *Triamond* was brought,/ There as he lay, his wound he soone forgot,/ And starting vp, streight for his armour sought:/ In vaine he sought; for there he found it not;/ *Cambello* it away before had got:/ *Cambelloes* armes therefore he on him threw,/ And lightly issewd forth to take his lot./ There he in troupe found all that warlike crew,/ Leading his friend away, full sorie to his vew. Into the thickest of that knightly preasse/ He thrust, and smote downe all that was betweene,/ Caried with feruent zeale, ne did he ceasse,/ Till that he came, where he had Cambell seene [...]” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 33-34, grifo do autor).

diz que ‘amorosidade é igualdade’, e é sobretudo na amizade dos bons que essas coisas estão presentes” (Aristóteles, 2024, p. 405).

O torneio se encerra por ora e ambos são declarados os vencedores desse dia. E, diferente da inveja que é despertada em Paridell em relação à glória de Blandamour, o que se vê em Triamond e Cambell é um desejo mútuo de um engrandecer o outro:

Ferozmente seguiram em seu audaz combate,/ Até que o soar das trombetas avisou a todos que descansassem;/ Então todos, em comum acordo, concederam o prêmio/ A Triamond e Cambell como os melhores cavaleiros./ Mas Triamond o cedeu a Cambell./ E Cambell o transferiu a Triamond;/ Cada um se esforçando para elevar a gesta do outro/ E preferindo colocar a glória do amigo antes da sua própria:/ Assim, a decisão foi adiada para outro dia (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 36, tradução nossa, grifo nosso)²⁰.

Um deseja a glória do outro, pois o que há entre eles é uma amizade verdadeira. Portanto, não se tornam amigos apenas por intervenção mágica, por acidente, mas sim, porque constroem uma relação estável e duradoura, baseada no bem, na confiança, na justiça, no afeto, no respeito, em suma, na virtude:

Completa é a amizade dos que são bons e semelhantes pela virtude. *Pois esses igualmente querem um para o outro as coisas boas, na medida em que são bons*, e são bons em função de si mesmos. E os que querem as coisas boas para os amigos tendo em vista o outro são os mais amigos, pois se portam assim por si mesmos, e não acidentalmente. A amizade desses, portanto, perdura enquanto são bons — e a virtude é algo duradouro (Aristóteles, 2024, p. 397-399, grifo nosso).

Com isso, os adversários ocasionais se consagram como verdadeiros amigos, provando que a amizade, como virtude, triunfa sobre a discórdia, sobre a inveja, sobre a instabilidade, enfim, sobre o caos que parece reinar na Terra.

3 Conclusão

Spenser constrói sua obra em cima de contrastes, que servem para mostrar ao leitor o que deve ser evitado e o exemplo que deve ser seguido. Primeiro, surge o

²⁰ “Fiercely they followd on their bolde emprize,/ Till trumpets sound did warne them all to rest;/ Then all with one consent *did yeeld the prize/ To Triamond and Cambell as the best./ But Triamond to Cambell it relest./ And Cambell it to Triamond transferd;/ Each labouring t’aduanche the others gest,/ And make his praise before his owne preferd:/* So that the doome was to another day differd” (Spenser, 2012, Livro IV, Canto IV, v. 36, grifo nosso).

quarteto vicioso, marcado pela dualidade, discórdia e monstrosidade, latentes em Duessa e Ate, e pela luxúria e volubilidade amorosa, características de Paridell e Blandamour. São iguais que se atraem, mas, como estão unidos pela utilidade e pelo prazer, não constroem um laço duradouro, o que abre espaço para disputas, desordens, vícios e caos. Os cavaleiros não confiam um no outro, deixando que a inveja interfira na relação. Ate, alegoria do erro e da discórdia, age facilmente nesse meio instável e desequilibrado.

Por outro lado, apesar da tendência humana ao erro e ao pecado, é possível combater a discórdia e o caos. Spenser, assim, traz a correção desse quarteto, apresentando uma alegoria da amizade. Agape, o amor caridoso, é a origem da perfeição; graças ao afeto dessa fada, Triamond reúne em si as almas dos irmãos, que repousam em seu corpo, de modo ordenado e equilibrado. E esse cavaleiro encontra outros “eus”, Canacee e Cambell. Essas relações são possíveis por meio de outra obra de amor desinteressado, no caso, Cambina, que age como pacificadora, corrigindo os erros e a discórdia. Assim, as quatro personagens se ligam afetuosamente, não por pura magia, mas sim, graças à virtude.

Se quatro é um número da destruição, também é um número divino. Se o erro é intrínseco ao homem, este pode, ao menos, evitá-lo ou corrigi-lo, por meio da virtude. E a amizade é uma forma de se fugir ao caos que parece dominar o mundo, pois ela carrega em si a concórdia, o equilíbrio e a ordem.

(DIS)EQUILIBRIUM AND (DIS)ORDER: FRIENDSHIP AND DISCORD IN THE FAERIE QUEENE BY EDMUND SPENSER

Abstract: This article analyzes the meaning of two allegories from Book IV of *The Faerie Queene* (1590 and 1596/1609) by Edmund Spenser (1552?–1599). These are the characters Ate and Triamond. The first is described as a goddess of discord; marked by monstrosity and dualism, even the parts of her body do not agree with each other. Thus, she represents an allegory of disequilibrium and disorder. When invoked by Duessa, she begins to sow disagreement, especially between Paridell and Blandamour, since their friendship is based on self-interest and pleasure. Triamond, on the other hand, thanks to an agreement made by his mother, Agape, unites within himself the souls of his brothers, Priamond and Diamond, after their deaths. In this way, Spenser reworks philosophical concepts that defend friendship as a communion of souls, in which the friend is considered another self. Thus, there is an allegory of equilibrium and order, since different souls coexist harmoniously within the same body. Moreover, Triamond becomes a friend to Cambell; being both virtuous, they form a sincere bond. With this, Spenser draws two quartets: one composed of Duessa, Ate, Paridell and Blandamour, occasional allies, and the other of Triamond, Cambell,

Canacee and Cambina, true and virtuous friends. Through these allegories, this article examines two fundamental concepts in the poem: the fear of chaos and the search for virtue, specifically friendship, as a means of confronting it. To support the analysis, two authors are essential: Aristotle (c. 384 BC–322 BC) and Marcus Tullius Cicero (106 BC–43 BC).

Keywords: discord; chaos; friendship; virtue.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. intr., posf. e notas de André Malta. São Paulo: Editora 34, 2024. (Edição bilíngue).

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada edição pastoral*. São Paulo: Paulus, 2021. Disponível em: <<https://biblia.paulus.com.br>>. Acesso em: 22 jan. 2025.

BRILL, Lesley. Blandamour. In: HAMILTON, Albert Charles. *The Spenser encyclopedia*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1992a. p. 96.

BRILL, Lesley. Paridell. In: HAMILTON, Albert Charles. *The Spenser encyclopedia*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1992b. p. 529.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva; Raul de Sá Barbosa; Angela Melim; Lúcia Melim. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CÍCERO, Marco Túlio. *Sobre a Amizade*. Trad. João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2006. (Edição bilíngue).

GREENE, Thomas M. Renaissance. In: HAMILTON, Albert Charles. *The Spenser encyclopedia*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1992. p. 597.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HANKINS, John E. Chaos. In: HAMILTON, Albert Charles. *The Spenser encyclopedia*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1992. p. 139.

KASKE, Carol V. Bible. In: HAMILTON, Albert Charles. *The Spenser encyclopedia*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1992. p. 87-89.

PATRIDES, C.A. Fall and Restoration of Man. In: HAMILTON, Albert Charles. *The Spenser encyclopedia*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1992. p. 299-300.

QUITSLUND, Jon A. Platonism. In: HAMILTON, Albert Charles. *The Spenser encyclopedia*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1992. p. 546-547.

SPENSER, Edmund. *La regina delle fate*. Trad. Luca Manini. Florença; Milão: Bompiani, 2012. (Edição bilíngue).

SPENSER, Edmund. *Letter to Raleigh*. University of Oregon, 1995. Disponível em: <https://darkwing.uoregon.edu/~rbear/ralegh.html>. Acesso em: 22 jan. 2025.

Recebido em 16/08/2025

Aceito em 23/04/2026

Publicado em 29/06/2026